MÓIN-MÓIN
REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:
MIGRAÇÕES, DIÁLOGOS INTERCULTURAIS
Florianópolis, v. 1, n.31, p. 12-24, jun. 2025
E - ISSN: 2595.034

# A humanidade como pátria

**Paulo Balardim**
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis, Brasil)

**Liliana Pérez Recio**
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (São Luíz, Brasil)

**Fabiana Lazzari**
Universidade de Brasília - UnB (Brasília, Brasil)

**Chico Simões**
Mamulengo Presepada (Brasília, Brasil)

**Figura 1** – *Os retirantes* (2014). Curta-metragem dirigido por Maíra Coelho.
Foto de Egídio Pandolfo.

DOI: https://doi.org/10.5965/2595034701312025012

# A humanidade como pátria[1]

Paulo Balardim[2], Liliana Pérez Recio [3] , Fabiana Lazzari[4] e Chico Simões[5]

**Resumo:** O texto apresenta a edição n. 31 da Móin-Móin - Revista de Estudos Sobre Teatro de Formas Animadas, com o tema “Migrações: diálogos interculturais”, seu contexto de composição, as questões que provocaram os autores e o convite à leitura dos artigos publicados.

**Palavras-chave:** Revista Móin-Móin; Teatro de Animação; Migrações; Diálogos interculturais.

## Humanity as homeland

**Abstract:** This text introduces the 31st edition of Móin-Móin - Journal of Studies on Animated Forms Theatre, themed "Migrations: intercultural dialogues," its composition context, the questions that prompted the authors, and an invitation to read the published articles.

**Keywords:** Móin-Móin Journal; Animation Theatre; Migrations; Intercultural dialogues.

---

[1] Data de submissão: 29/05/2025 | Data de aprovação: 29/05/2025

[2] Professor Associado na área de Prática Teatral-Teatro de Animação, no Departamento de Artes Cênicas-DAC e no Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Artes-CEART da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Coordena o Programa de Extensão Formação Profissional no Teatro Catarinense. Pós-Doutorado em Teatro de Animação (Université Paul Valéry-Montpellier III), Doutor (PPGT/UDESC) e Mestre (PPGAC/UFRGS) em Artes Cênicas, Licenciado em Letras-Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (ULBRA). E-mail: paulobalardim@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2586-2630

[3] Professora do Departamento de Artes Cênicas-DEARTC/CCH da Universidade Federal do Maranhão / UFMA. Doutora pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2022), Bacharel em Teatro pelo Instituto Superior de Arte (2000) de Havana, Cuba. Diretora e atriz, integrou o elenco do *Teatro Nacional de Guiñol* durante nove anos. Fundou *El Arca Teatro Museo de Títeres* (2010) em Havana. E-mail: bastianybastiane@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3768-9599

[4] Professora Adjunta do Departamento de Artes Cênicas-CEN e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas-PPGCEN, do Instituto de Artes-IdA, da UnB. Coordena o Proj. de Extensão de Ação Continuada LATA-Laboratório de Teatro de Formas Animadas e do Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq-LATA/UnB. Doutora e Mestre em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro-PPGT/UDESC. Licenciada em Educação Artística-Habilitação em Artes Cênicas (UDESC). Bacharel em Educação Física (UDESC). Atriz, Sombrista, Arte-educadora, Gestora e Produtora Cultural e fundadora da entreAberta Cia Teatral e do SKIA-Espaço da Sombra. E-mail: fabianalazzari@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2757-2087

[5] Brincante e mestre mamulengueiro, Chico Simões coordena o grupo Mamulengo Presepada desde 1983. Já deu curso na Escola de Guaratelli em Napoli – Itália, estudou na Escola Internacional de Teatro Antropológico – ISTA e no CENDREV – Centro Dramático de Évora – Portugal. Foi visitante convidado da Universidade de Berkeley – Califórnia e da Universidade UCONN de Connecticut nos EEUU. Recebeu diversos prêmios, dentre eles, a Bolsa Virtuose – 1998 para pesquisar as origens das tradições do teatro popular brasileiro na Europa, e o Prêmio Betinho – 1994, pelo trabalho realizado com crianças nas ruas de Brasília. Atualmente, constrói o espaço cultural Vila Mamulengo, no povoado de Olhos D’Água – Alexânia/GO. E-mail: chicosimoes@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3348-5388

A presente edição da Revista Móin-Móin dedica-se a um tema de significativa relevância para o campo do teatro de formas animadas: as complexas relações entre migrações e diálogos interculturais. Mais do que uma mera coletânea de artigos, este volume configura um espaço de intercâmbio de ideias e experiências, reunindo reflexões de pesquisadores e artistas que investigam de que maneira os deslocamentos humanos e as trocas culturais influenciam e são influenciados pelas práticas teatrais contemporâneas.

Em um momento histórico marcado por deslocamentos populacionais, impulsionados por uma complexa interação de fatores políticos, econômicos e ambientais, a escolha temática desta edição da Revista Móin-Móin assume um caráter urgente. Presenciamos discursos xenófobos, como evidenciado nas políticas de imigração restritivas e nas deportações em massa nos Estados Unidos[6], reflexo de intolerância e de uma manipulação econômica que instrumentaliza o medo do estrangeiro. A guerra na Ucrânia[7] não apenas devasta um território, mas também desarticula profundamente o tecido social, gerando um fluxo contínuo de refugiados e deslocados internos[8]. A esses eventos de grande visibilidade, somam-se inúmeros outros deslocamentos forçados por crises climáticas e econômicas, cujos impactos se fazem sentir em nações como Afeganistão, Haiti[9], Venezuela e Cuba[10], entre outras, onde a instabilidade política e a escassez de recursos básicos impulsionam a migração como estratégia de sobrevivência.[11] Conflitos armados e perseguições políticas, como

[6] https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/deportacao-em-massa-prometida-por-trump-entenda-como-deve-ser-executada-e-os-obstaculos/. Acesso em 19/05/25.
[7] https://exame.com/bussola/guerra-na-ucrania-e-uma-das-maiores-crises-migratorias-ja-vividas/. Acesso em 19/05/25.
[8] https://news.un.org/pt/story/2024/01/1825937 e https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60570352. Acesso em 19/05/25.
[9] BAENINGER, Rosana e PERES, Roberta. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. *In*: Revista Brasileira de Estudos de População, v. 34, n. 1 (2017), p. 119-143. Disponível em https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/887/pdf. Acesso em 19/05/25.
[10] https://exame.com/mundo/cuba-registra-em-dois-anos-maior-exodo-migratorio-desde-a-revolucao-de-1959/. Acesso em 19/05/25.
[11] Mais informações disponíveis no site da Agência da ONU para refugiados – UNHCR / ACNUR, nos links: https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/dados-revelam-impactos-da-emergencia-


DOI: https://doi.org/10.5965/2595034701312025012

os observados na Síria[12] e em diversas regiões da África, também forçam milhões de pessoas a abandonar seus lares em busca de segurança e proteção.

Diante desse cenário global de intensa mobilidade humana, torna-se imprescindível analisar o impacto dessas dinâmicas na produção artística, e especificamente no campo do teatro de animação. A migração, longe de ser um fenômeno isolado, configura-se como uma força motriz que redefine as estruturas sociais, culturais e econômicas. Dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM)[13] revelam que, em 2020, o número de migrantes internacionais atingiu a marca de 281 milhões de pessoas, representando aproximadamente 3,6% da população global. Esse número expressivo demonstra a amplitude do fenômeno e sua crescente importância nas dinâmicas contemporâneas.

Nos territórios de chegada e partida, a migração desencadeia transformações profundas. As sociedades receptoras experimentam mudanças demográficas, culturais e econômicas, que podem gerar tanto enriquecimento e diversidade quanto tensões. As comunidades de origem, por sua vez, enfrentam a perda de capital humano e social, mas também podem se beneficiar das remessas financeiras e do retorno de migrantes com novas habilidades e perspectivas.

Jose Marti (1853-1895), tendo por base os longos anos de exílio político aos que foi condenado em sua juventude, apresenta em um de seus artigos uma visão humanitária sobre o que podemos entender como sentimento de "pertencimento" vinculado a um território:

> Pátria é humanidade, é aquela porção da humanidade que vemos mais de perto e na qual nos coube nascer; nem se há de permitir que com o engano do santo nome se defendam monarquias inúteis, religiões barrigudas ou políticas descaradas e famintas, nem porque a esses

climatica-no-deslocamento e https://storymaps.arcgis.com/stories/9b67d41f272f466a98ce7048a6d267d6. Acesso em 19/05/2025.

[12] https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-como-o-conflito-na-siria-comecou-e-por-que-ha-novos-ataques/. Acesso em 19/05/25.

[13] https://worldmigrationreport.iom.int/msite/wmr-2024-interactive/ e https://brazil.iom.int/pt-br/dados-e-informacoes. Acesso em 19/05/25.


DOI: https://doi.org/10.5965/2595034701312025012

> pecados se dê frequentemente o nome de pátria, nem há de negar-se o homem a cumprir seu dever de humanidade, na porção dela que tem mais perto. Isto é luz, e do sol não se sai.[14] (Marti, 1991, p. 468. Tradução nossa)

Assim, Marti define a pátria não como uma entidade abstrata ou isolada, mas como uma parte integrante da humanidade. Essa perspectiva nos aponta que a chegada de migrantes nas sociedades traz consigo novas parcelas dessa humanidade. O poeta também critica, em suas palavras, a instrumentalização do conceito de pátria para justificar sistemas opressivos e práticas corruptas que utilizam “a identidade nacional” para excluir ou marginalizar os recém-chegados. O "santo nome" da pátria não deve ser usado para legitimar a xenofobia ou a discriminação.

Por sua vez, Edward Said (1935-2003) tem se debruçado sobre a dor da ferida cultural do exiliado, e, para fazê-lo, nos lembra que:

> A moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados. Nos Estados Unidos, o pensamento acadêmico, intelectual e estético é o que é hoje graças aos refugiados do fascismo, do comunismo e de outros regimes dados a oprimir e expulsar os dissidentes. (Said, 2001, p.54)

O autor aponta a relação dialética entre nacionalismo e exílio[15] na qual se afirma “pátria” como uma comunidade de língua, cultura e costumes. Lembrando que os separados a partir do exílio criaram novas nações, frisa que, se os nacionalismos dizem respeito aos grupos, o exílio é uma solidão vivida fora do grupo. O *pathos* do exílio, nos diz: “está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra: voltar para o lar está fora de questão” (Said, 2001, p. 62). Com base em Theodoro Adorno (1903-1969), conclui Said:

---

[14] “Patria es humanidad, es aquella porción de la humanidad que vemos más decerca, y en que nos tocó nacer; ni se ha de permitir que con el engaño del santo nombre se defienda a monarquías inútiles, religiones ventrudas o politicas descaradas y hambronas, ni porque a estos pecados se dé a menudo el nombre de patria, ha de negarse el hombre a cumplir au deber de humanidad, en la porción de ella que tiene más cerca. Esto es luz, y del sol no se sale.”

[15] Para SAID (2001, p.64): “Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados”.


DOI: https://doi.org/10.5965/2595034701312025012

> O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência. (Said, 2001, p.70).

De tal forma que para o artista, inserido nesse contexto de mobilidade constante, a experiência da migração pode se tornar um elemento central em sua prática e em sua visão de mundo. O deslocamento físico e cultural pode gerar novas perspectivas, questionar identidades estabelecidas e fomentar a criação de obras que exploram temas como pertencimento, desenraizamento, fronteiras, memória e a busca por um lar. A condição de "estar em movimento" pode se traduzir em narrativas híbridas, em linguagens cênicas que incorporam referências culturais diversas e em uma sensibilidade aguçada para as complexidades da experiência humana em um mundo globalizado.

No contexto específico do teatro de bonecos, a natureza migrante da forma artística ecoa a própria experiência humana do deslocamento. Desde suas origens, o teatro de bonecos demonstrou uma notável capacidade de adaptação e de circulação, viajando por diferentes territórios e culturas. Pode-se ilustrar essa ideia observando as hipóteses que explicam a dispersão do teatro de sombras do oriente ao ocidente, entre viagens comerciais e guerras coloniais.

Essa característica permite que o teatro de bonecos dialogue de maneira singular com as questões da migração, utilizando a figura do boneco como um símbolo do viajante, do estrangeiro, daquele que atravessa fronteiras físicas e culturais. A própria materialidade do boneco, sua capacidade de metamorfose e sua maleabilidade narrativa o tornam um veículo expressivo para explorar as complexidades da identidade em um mundo em constante movimento.

A formação do Brasil, por exemplo, é intrinsecamente ligada à imigração de diversas culturas europeias e asiáticas cujos descendentes, em alguns casos, realizam o movimento de retorno, buscando reconhecimento em suas terras ancestrais. Em contraponto, há que se considerar a perspectiva da dispersão cultural e não apenas da migração ao analisar a herança do teatro de bonecos


DOI: https://doi.org/10.5965/2595034701312025012

gestado nas matrizes afro diaspóricas. Perceba-se que a presença na conformação do *ethos* brasileiro é consequência da escravização que sustentou o maquinário colonial por três séculos, o qual impôs um deslocamento forçado e brutal, negando a possibilidade de retorno ao país de origem. Desse período, ainda persistem muitas narrativas orais — portadas e recriadas em trajetos migrantes — as quais constituem não apenas memória coletiva, mas também atos performativos de resistência e reinvenção cultural. A oralidade é uma herança migrante e instrumento de resistência, especialmente nos contextos afro-diaspóricos e indígenas.

Essa constante movimentação impulsiona o teatro a adaptar-se aos tempos e espaços por onde transita. O exemplo histórico da *Commedia dell'Arte* ilustra essa capacidade de reinvenção e de encontrar novos públicos e espaços, como feiras e mercados, onde suas críticas sociais eram mais toleradas. Essa necessidade de migrar fomentou um paradoxal instinto de sobrevivência, onde o humor e o riso atuavam como mecanismos de amortecimento para críticas contundentes veiculadas através das peças. Do mesmo modo, *Pulcinella*, *Punch and Judy* ou *Guignol* (citando algumas das formas tradicionais de bonecos), pela sua natureza "arbitrária e irreal", conseguem abrir espaços para a germinação de ideias de humanismo e fraternidade universal no encontro efêmero entre o ator imigrante, a sua tradição e o público presente.

No Brasil, o Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, com suas distintas manifestações como o Mamulengo (Pernambuco), o Babau (Paraíba), o João Redondo/Calunga (Rio Grande do Norte) e o Cassimiro Coco (Ceará, Piauí e Maranhão), é um exemplo emblemático dessa dinâmica migratória e de fusão cultural. O Mamulengo, com sua sonoridade possivelmente africana e a incorporação de elementos das matrizes africana, árabe-ibérica, europeia e indígena, reflete essa miscigenação. A figura de Ambrósio Camarinha, um homem negro pernambucano que levou seu boneco "Misericordia Campana"


DOI: https://doi.org/10.5965/2595034701312025012

para o Uruguai no século XIX, atesta a presença precoce dessa tradição em outros territórios[16].

O imigrante, ao deslocar-se, carrega consigo não apenas medos e desejos, mas também sua cultura, que atua como um escudo protetor de sua identidade. As fronteiras, nesse contexto, tornam-se pontos de encontro, de troca e de partida para o novo. O sertão nordestino, marcado por intensos fluxos migratórios internos impulsionados por fatores climáticos e socioeconômicos, disseminou pelo Brasil diversas expressões de sua cultura popular, incluindo o teatro de bonecos.

Nesse cenário migratório, os mamulengueiros encontraram novos palcos e plateias, adaptando suas práticas e incorporando elementos das culturas locais, sem perder a essência de sua tradição. A proliferação de grupos de Teatro de Bonecos Popular em centros urbanos como Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, com forte presença da cultura nordestina, é uma evidência dessa expansão.

Brasília, cidade planejada e construída por imigrantes de diversas partes do país, é um exemplo paradigmático dessa fusão cultural. Relatos da época de sua construção mencionam a presença do teatro de bonecos popular nordestino em meio a essa efervescência. Posteriormente, a experiência de Carlos Gomides, um goiano que vivenciou o universo do Babau na Paraíba e o difundiu em Brasília e em outros lugares, demonstra como o contato intercultural pode gerar novas expressões e revitalizações dentro da tradição. O Babau, com suas particularidades em relação ao Mamulengo, mas mantendo as características do teatro de bonecos popular universal, floresceu nesse novo contexto. Essa nova geração de brincantes em Brasília, autodenominada “mamulengueira,” nutre-se de diversas fontes do teatro popular, contribuindo para a atualização da tradição e para a construção de uma identidade cultural na capital, marcada pela diversidade e pela herança da migração.

[16] FREIRE, Susanita e CURCI, Rafael. **Misericordia Campana.** Montevideo: Tridente, 2021.


DOI: https://doi.org/10.5965/2595034701312025012

A história registra também a chegada ao Brasil, desde o século XIX, de teatros de bonecos populares europeus, como o *Kasperl* alemão e o *Briguela* italiano. Contudo, a perseguição sofrida por essas culturas, juntamente com a japonesa, durante a Segunda Guerra Mundial, quase levou ao desaparecimento dessas manifestações teatrais, que permaneceram ocultas para sobreviver.

Um paralelo instigante surge na comparação entre o personagem *Vaqueiro Benedito* do Babau paraibano e o *Mubarack* do teatro de bonecos iraniano. As semelhanças físicas e de personalidade desses heróis populares, que lutam contra a exploração, levantam questões sobre possíveis diálogos culturais transcontinentais. A própria etimologia de *Mubarack*, que significa "Bendito", remete ao nome do personagem nordestino, suscitando reflexões sobre a circulação de arquétipos e narrativas através das migrações.

Diante desse panorama de encontros, deslocamentos e transformações, a Revista Móin-Móin busca aprofundar a compreensão das intrincadas relações entre migrações e o teatro de formas animadas. A presente edição reúne doze textos (sendo dois fora do escopo temático), os quais apresentam diversas perspectivas sobre como os deslocamentos humanos influenciam as práticas teatrais; sobre como as tradições se adaptam e se reinventam em novos contextos, e como o teatro, por sua vez, expressa a experiência migratória e fomenta diálogos interculturais.

Abrindo a edição, temos *Tânia Gomes Mendonça*, propondo repensar a historiografia do teatro de bonecos no Brasil e na Argentina sob a lente da "história conectada". Sua premissa lembra que as fronteiras geográficas jamais aprisionaram a efervescência criativa, e que os fluxos migratórios foram, e continuam sendo, motores essenciais para a compreensão da trajetória desta arte cênica em ambos os países.

Em seguida, *Rômulo Ramos de Queiroz* propõe um encontro entre o Teatro Dom Roberto português e o Mamulengo pernambucano. Ao perscrutar as semelhanças e peculiaridades dessas manifestações populares, o autor incita a


DOI: https://doi.org/10.5965/2595034701312025012

reconhecer os laços profundos que unem culturas através do jogo, do improviso e da história viva presente em cada boneco.

Ainda no campo da história, *Welerson Freitas Filho* ilumina a atuação do Conde Ernesto Patrizio no Brasil oitocentista, revelando sua significativa contribuição para a disseminação das práticas precursoras do teatro de sombras em nosso país. Através da análise de fontes primárias, apresenta um tempo em que sombras, lanternas mágicas e ilusionismo pavimentavam os primeiros passos de uma linguagem cênica singular.

A busca pelas raízes e trajetórias continua com *Tácito Boralho* e *Bruno Oliveira*, que apresentam os caminhos dos "cassemireiros" em sua jornada do Nordeste ao Maranhão. Ao revisitar pesquisas anteriores, os autores oferecem valiosos dados para compreendermos a migração do icônico boneco Cassimiro Coco e sua surpreendente permanência nos espetáculos maranhenses.

Voltando o olhar para o sul do país, *Willian Sieverdt* apresenta as particularidades do tradicional *Kasperl* alemão e sua chegada a Santa Catarina. Mais do que traçar essa rota migratória, o artigo destaca o trabalho de artistas contemporâneos que se dedicam a resgatar e preservar a tradição desse personagem.

A edição também abre espaço para a reflexão sobre a criação cênica contemporânea. *Alexandre Fávero* e *Jovani Santos* compartilham o relato da montagem de um espetáculo de teatro de sombras que mergulha na complexa temática da migração e da crise global. Através da descrição do processo colaborativo entre a Voeverá Companhia de Teatro e a Cia. Teatro Lumbra, refletem sobre o poder expressivo das sombras como ferramenta de engajamento social.

A força da imagem e da narrativa visual ecoa no artigo de *Mariliz Regina Schrickte* e *Eduardo Felix*, que apresentam o processo de concepção do cortejo de rua "Elefanteatro". A saga de uma família migrante em busca de uma vida melhor, protagonizada por um boneco gigante, mescla-se com reflexões sobre

"vida nua" e "vida precária", reafirmando o compromisso político da arte em provocar novas percepções.

A escuta sensível das histórias de mulheres migrantes que construíram suas vidas no Distrito Federal é o ponto de partida da pesquisa de *Maysa Carvalho*. Ao apresentar o processo de criação do espetáculo "Carrego o que posso, faço quintal onde dá", do Coletivo Entrevazios, a autora convida a valorizar as narrativas silenciadas e a reconhecer a coragem e a resistência presentes no cotidiano dessas mulheres.

A experiência pessoal de uma "nômade teatral" é o fio condutor do relato autobiográfico de *Irina Niculescu*. Sua trajetória, desde a infância na Romênia até suas andanças pelo mundo com seus espetáculos, oferece uma perspectiva íntima sobre a vocação artística e o impacto social do teatro de bonecos, transcendendo fronteiras geográficas e culturais.

A entrevista com *Ines Pasic*, artista bósnia radicada no Peru, revela um percurso singular onde a música e o teatro de animação se encontram. Nessa entrevista, é possível depreender como sua jornada, marcada por viagens e vivências em diferentes culturas, faz de suas criações projetos artísticos singulares e que dialogam com um variado público.

No escopo dos artigos fora do dossier temático, temos a experimentação pedagógica e artística apresentada no texto de *Elisana de Carli* e *Maria de Fátima Moretti*, que exploram o potencial do objeto como disparador de dramaturgias para o teatro de animação. As autoras relatam a experiência na Universidade Federal de Santa Catarina e demonstram como a materialidade do objeto pode acionar repertórios e estimular a criatividade na escrita dramática.

Também temos, encerrando a edição, *Lucas Simas*, refletindo sobre a participação das máquinas no espetáculo "A Última Invenção" do coletivo De Pernas Pro Ar. Ao analisar a construção dessas máquinas-atores e suas interações com os performers, o autor instiga a repensar a presença do autômato na cena teatral, valorizando a memória dos objetos e o jogo lúdico como elementos que conferem sensibilidade a esses dispositivos.


DOI: https://doi.org/10.5965/2595034701312025012

Por meio desses olhares que evocam as trajetórias históricas de bonecos e bonequeiros migrantes até as produções contemporâneas que abordam diretamente as experiências de deslocamento forçado e a construção de novas identidades em contextos multiculturais, esperamos contribuir para um debate mais aprofundado.

**Bibliografia**

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Dados revelam impactos da emergência climática no deslocamento forçado**. ACNUR.org, 18 de agosto de 2021. Disponível em: https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/dados-revelam-impactos-da-emergencia-climatica-no-deslocamento. Acesso em: 19/05/2025.

BAENINGER, Rosana e PERES, Roberta. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. *In*: **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 1 (2017), p. 119-143. Disponível em https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/887/pdf. Acesso em 19/05/25.

BBC NEWS BRASIL. **Refugiados da Ucrânia: quantos estão deixando o país e para onde estão indo?** BBC.com, 01 de março de 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60570352. Acesso em: 19/05/2025.

CNN BRASIL. **Deportação em massa prometida por Trump: entenda como deve ser executada e os obstáculos**. Cnnbrasil.com.br, 11 de novembro de 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/deportacao-em-massa-prometida-por-trump-entenda-como-deve-ser-executada-e-os-obstaculos/. Acesso em 19/05/25.

ESRI. **A crise de refugiados da Síria**. Storymaps.arcgis.com, [s.d.]. Disponível em: https://storymaps.arcgis.com/stories/9b67d41f272f466a98ce7048a6d267d6. Acesso em: 19/05/2025.

EXAME. **Cuba registra em dois anos maior êxodo migratório desde a revolução de 1959**. Exame.com, 29 de janeiro de 2024. Disponível em: https://exame.com/mundo/cuba-registra-em-dois-anos-maior-exodo-migratorio-desde-a-revolucao-de-1959/

JÁCOMO, André. **Guerra na Ucrânia é uma das maiores crises migratórias já vividas**. Exame.com, 04 de abril de 2022. Disponível em: https://exame.com/bussola/guerra-na-ucrania-e-uma-das-maiores-crises-migratorias-ja-vividas/. Acesso em 19/05/25.

KENT, Lauren. **Entenda como o conflito na Síria começou e por que há novos ataques**. Cnnbrasil.com.br, 30 de novembro de 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-como-o-conflito-na-siria-comecou-e-por-que-ha-novos-ataques/. Acesso em: 19/05/2025.

MARTI, Jose. **Obras completas**. Volumen 5. La Habana, Cuba: Editorial de Ciências Sociales, 1991. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Cuba/cem-cu/20150114040958/Vol05.pdf. Acesso em 19/05/25.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Ucrânia: Mais de 6 milhões de deslocados enfrentam necessidades humanitárias**. News.un.org, 09 de janeiro de 2024. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2024/01/1825937. Acesso em: 19/05/2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Dados e Informações**. Brazil.iom.int, 2024. Disponível em: https://brazil.iom.int/pt-br/dados-e-informacoes. Acesso em: 19/05/2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Relatório Mundial sobre Migrações 2024**. Worldmigrationreport.iom.int, 2024. Disponível em: https://worldmigrationreport.iom.int/msite/wmr-2024-interactive/. Acesso em: 19/05/2025.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

FREIRE, Susanita y CURCI, Rafael. **Misericordia Campana.** Montevideo: Tridente, 2021.